

Tiradentes, Herói e Mártir da Independência

Participação da Maçonaria na Conspiração Mineira

A notícia da bem lograda revolução feita pelas colônias da parte Norte da América, para se declararem nação independente, chegou às colônias do Sul, acreditamos, já com o surgimento das primeiras células maçônicas, congregando a sua gente mais ilustrada, que reconheceu a analogia de situação — a necessidade da sua independência.

São fortes as evidências de que no Brasil, data de anteriores à 1786, a presença das primeiras Lojas Maçônicas, na Bahia e no Rio de Janeiro, sob a influência do Marquês de Pombal, Primeiro Ministro de D. José, Rei de Portugal. Infelizmente, a perseguição aos maçons, determinada por Dona Maria, sucessora de D. José no trono, fez desaparecer os arquivos maçônicos. Toma-se, então, como ponto de partida para os relatos histórico-maçônicos no Brasil, o ano de 1786, assinalando-se a existência de uma Loja na Vila do Tijuco, Capitania das Minas Gerais, com José Álvares Maciel, os poetas Cláudio Manoel da Costa e Inácio de Alvarenga Peixoto, o desembargador Tomás Antonio Gonzaga, o cônego Luiz Vieira da Silva, os padres José da Silva de Oliveira Rolin e Carlos Corrêa de Toledo e Melo, e outros.

As reuniões, comenta Joaquim Felício dos Santos em "Memórias do Distrito Diamantino", faziam-se alta noite em casa de José da Silva de Oliveira, pai do padre Rolin.

A eles se ajunta, como principal vulto, pelo seu grande entusiasmo, e, afinal, até pelo seu martírio, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado — o Tiradentes, filho de Domingos da Silva Santos e de sua mulher Antonia da Encarnação Xavier. Nasceu Joaquim José à 12 de novembro de 1746, na fazenda do Pombal, proximidades de São João Del-Rei, capitania das Minas Gerais. Foi batizado na capela de São Sebastião do Rio Abaixo, da Paróquia de São João Del-Rei, sendo celebrante o capelão padre João Gonçalves Chaves e padrinho, o cirurgião João Ferreira Leitão, e como madrinha, Nossa Senhora da Ajuda.

Teve irmãos — Domingos e Antonio, que foram padres; José, que foi capitão, e as meninas Maria, Eufrásia e Antonia.

Cresceu na Fazenda. Seu pai dedicava-se à mineração. Aos nove anos, Joaquim José ficou órfão de mãe e aos onze perdeu o pai. A família se desfez, seguindo cada irmão um destino diferente. Joaquim José passa a viver com o padrinho. Ho-

mem feito, aplica-se à profissão de dentista, cujos conhecimentos recebeu do padrinho, chegando a ser hábil na arte de arrancar dentes, do que lhe veio a alcunha — Tiradentes.

Foi mascate. Transportou mercadoria em tropa de burros, depois de tentar a sorte nas minas de ouro. Progredia como tropeiro quando por haver socorrido a um escravo que estava sendo castigado, foi julgado por um tribunal que o condenou a pagar pesada multa e mais as custas do processo, obrigando-se em vender os burricos e a mercadoria. Escravo era propriedade de seu dono, Tiradentes não tinha o direito de se intrometer, disseram-lhe os juizes. Afinal, ingressa nas armas em dezembro de 1775, assentando praça na 6.^a Companhia do Regimento de Cavalaria Paga de Minas Gerais, já como alferes, por ser branco e descendente de portugueses cristãos.

No exercício das suas funções, nos catorze anos de serviço, sempre se houve com eficiência e coragem. Ajudou a acabar com o banditismo na Mantiqueira, comandando o destacamento do sertão, e chefiou a patrulha que policiava o Caminho Novo, por onde passava o ouro que se destinava às arcas reais. Entretanto, embora brilhante a sua folha de serviços, não passou de alferes. Por ser nascido no Brasil, naturalmente. Várias vezes viu-se Tiradentes preterido pelos nascidos no Reino, premiados pelo nascimento, ou pela bajulação.

Tantas foram as injustiças que lhe marcaram a vida, algumas velhas idéias ganham corpo na cabeça de Tiradentes. Ei-lo nas tavernas, nos quartéis, nos pousos à beira da estrada, em toda a parte, com o seu vozeirão fazendo críticas ao governo, explicando que os nacionais estavam sendo condenados à pobreza e à ignorância pela prepotência dos representantes da Corôa.

Encontrava-se Tiradentes no Rio de Janeiro, com a esperança de melhorar sua fortuna em uma empresa de estabelecimento de trapiches e encanamentos para suprir de mais água a cidade, empresa para que não conseguiu financiamento, ali veio a conhecer à José Álvares Maciel, recém-chegado de Portugal, doutorado em Física, Química e História Natural pela Universidade de Coimbra, onde se iniciou na Maçonaria. Maciel informava-lhe que um desejo de liberdade, vulgarizado pela Maçonaria, tomava vulto na Europa. As novas idéias de liberal-democracia alastravam-se rapidamente. Iniciava-se a luta contra todas as tiranias. O homem devia ser livre. Tiradentes, empolgado por estas primeiras inspirações, adere à nova empresa de que viria a ser principal figura e mártir.

De volta a Vila Rica, Tiradentes passa a fazer parte do grupo de patriotas, iniciando-se na Maçonaria, e se entrega inteiramente à causa, pregando abertamente a revolução, ora denunciando a derrama, ora a injustiça social ou a violência das autoridades.

— CONTINUA —

Redobrados esforços são agora aplicados no sentido de articular o movimento. Um projeto de constituição foi elaborado; a capital seria São João Del-Rei; a abolição progressiva da escravatura foi debatida; a bandeira da nova república seria um triângulo em linhas vermelhas sobre um fundo branco. Pertence à Alvarenga a sugestão de uma inscrição latina, tomada ao poeta Virgílio — *Libertas quae sera tamen*, cujo sentido no vernáculo é — Liberdade, ainda que tarde.

Tudo pronto, era só aguardar do Governador Visconde de Barbacena o decreto da derrama, que seria para os conjurados a grande oportunidade.

Joaquim Silvério dos Reis, coronel de Cavalaria, também conjurado, denuncia os companheiros ao Governador. Outros denunciantes aparecem depois — Basílio Malheiros do Lago e Inácio Corrêa Pamplona, ocorrendo a prisão de Tiradentes no dia 10 de maio de 1789, no Rio de Janeiro.

A iniciativa está agora nas mãos dos portugueses, e começaram as prisões.

Um detalhe ocorrido neste episódio histórico é geralmente ignorado, entretanto consta dos Autos da Inconfidência, volume II, na Biblioteca Nacional, e que foi o seguinte:

— Logo que dado início à ação policial, apareceu, às primeiras horas da noite, nas ruas desertas de Vila Rica, um vulto misterioso e encapuzado que, batendo nas portas e janelas dos inconfidentes, os ia avisando que fugissem pois estavam na eminência de serem presos. Não se sabe, ainda, quem era esse misterioso personagem, tão pouco a quais os conjurados pode levar o aviso. Sabemos pelos depoimentos, os que foram avisados e não deram crédito ao “encapuzado”, foram presos. Não resta a menor dúvida que o misterioso personagem estava a par da ação policial e que, por ser simpático à causa, ou, porque fosse também um membro da fraternidade, sentiu-se, por isso mesmo, na obrigação de avisar aos Irmãos.

Cláudio Manoel da Costa suicida-se, ou foi morto na Prisão de Vila Rica.

As respostas de Tiradentes, nos depoimentos, a todas as perguntas nos três primeiros interrogatórios, são prudentes e meditadas. À ocasião do quarto interrogatório, porém, em 18 de janeiro de 1790, Tiradentes confessa-se comprometido e responsável, aceitando a idéia do sacrifício pelo ideal republicano, dizendo: “...que até ali havia negado por não querer perder a ninguém”.

No dia 18 de abril de 1792 foi lida a sentença condenatória dos inconfidentes: treze foram condenados à morte, por enforcamento; os demais culpados receberam pena de degredo, para ser cumprida na África. Poucos foram os absolvidos.

De Tiradentes, sabemos que ouvira a sentença com toda a serenidade, e que, com a maior abnegação de si, chegou a dizer que estimava vir a pagar as culpas daqueles que ele havia comprometido.

No dia 20 é comutada a pena de enforcamento a todos exceto Tiradentes. E ninguém lhe prestou atenção, ninguém lhe agradeceu a decisão heróica e digna que teve. Somente Frei Penaforte recolheu-lhe as palavras — Dez vidas eu daria, se as tivesse, para salvar as deles.

Cumpriu-se a execução no dia seguinte — 21 de abril de 1792, às onze horas e vinte minutos. O acompanhamento foi aparatoso, e a população, curiosa, se apinhava pelas ruas. Toda a tropa estava em armas, e postada pelas ruas.

Ao pedir o carrasco perdão ao réu, quando lhe vestia a alva, exclamou ele: — Oh meu amigo! deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés; também o nosso Redentor morreu por nós.

Marchou depois sereno ao suplicio; pediu por três vezes ao carrasco que lhe abreviasse a execução, e, com os olhos fixos no crucifixo que levava consigo, subiu ao patíbulo.

De Manoel Arão, notável escritor maçônico pernambucano, colhemos na sua “História da Maçonaria no Brasil”:

“Denunciada esta conspiração, a sua consequência foi o sacrifício mais ou menos cruel, de todas as suas principais figuras. Assim, o julgamento de 18 de abril de 1792 condenou à morte os mais notáveis e à infâmia alguns de seus auxiliares, pena essa que a carta régia de Dona Maria comutou em degredo, menos quanto ao alferes, o Tiradentes, a quem a alçada classificou de criminoso imperdoável. Este, enforcado em 21 de abril do mesmo ano, portou-se com admirável estoicismo, nos seus últimos momentos — o que valeu que a conspiração tomasse o seu nome, na história.”

M. GOMES

Obras Consultadas:

- História do Brasil - Varnhagen
- A Maçonaria na Independência Brasileira - Manoel R. Ferreira e Tito L. Ferreira
- A Maçonaria na História do Brasil - M. Gomes
- Grandes Personagens da nossa História - Ed. Abril Cultural